

Nesta fotografia de retrato, vemos uma jovem a olhar com saudade para a parte superior direita da imagem.

Tal como a maioria do meu trabalho, é uma imagem a preto e branco. Os tons mais claros da sua pele suave e o cabelo ondulado a passar dos ombros são compensados por um fundo preto profundo e o seu top escuro. Está ligeiramente inclinada para a esquerda com a cabeça a olhar na direção oposta por cima do ombro.

Tem sobranceiras escuras e fartas e lábios grossos, e enquanto o olho esquerdo, no nosso lado direito, olha com confiança a meia distância, o outro não está lá.

A imagem é uma sinfonia de luz e sombra, a rivalizar pela supremacia. As áreas mais claras estão no seu rosto, na ponta do nariz e no ombro exposto, ligeiramente à direita do centro.

O top escuro e o pescoço estão fora do alcance da luz e têm uma tonalidade quase tão escura como o fundo preto.

O meu nome é Ian Treherne.

Sou cega e surda, tendo nascido com Síndrome de Usher de tipo 2 RP, e tirei esta fotografia da modelo Olivia Deane com uma câmara Canon 7D e uma objetiva 17 mm - 40 mm.

Sempre adorei a sensação de ver uma imagem, especialmente a preto e branco, porque há algo nos tons monocromáticos que confere uma sensação de intemporalidade.

Quando tinha 15 anos, os médicos disseram-me que estava a perder a vista, o que teve um impacto monumental em mim.

Fiquei inundada de medo e urgência e senti a necessidade de ver e fazer tanto quanto fosse possível.

Pela minha persistência, coragem e forte determinação, persegui o meu sonho de ser fotógrafa.

Aprendi através de tentativa e erro, ensinando-me a mim própria e aprendendo com os grandes artistas fotográficos do século, como o Nadar. Ser cego é ter um caminho precário a percorrer, literalmente e metaforicamente.

Sinto-me vulnerável e tenho de me aplicar mais do que os outros para cumprir o meu papel enquanto ser humano, para participar na vida e na sociedade.

Vejo e sinto o mundo de forma diferente através da minha vista estreita, enfrentando a realidade através da escuridão e usando os meus sentidos para me guiarem ao longo dos desafios da vida.

A minha fotografia é incrivelmente importante para mim, pois permite-se construir uma ponte para me relacionar com as pessoas.

A minha compreensão do mundo e as dificuldades de ser cega são canalizadas através da objetiva para evidenciar o melhor do meu motivo, e para criar um retrato sincero de alguém com um sentimento autêntico.

A minha abordagem à fotografia a preto e branco tem origem nos filmes mudos que via na minha infância.

Tendo nascido profundamente surda, senti-me atraída por filmes sem palavras, focando-me nos visuais e nas imagens em movimento.

O meu amor pelo cinema continuou a crescer, levando-me a ver filmes noir de realizadores icónicos como Orson Welles, Carol Reed e David Lean.

Por outro lado, vim a apaixonar-me pelas obras de grandes nomes modernos como Stanley Kubrick, Martin Scorsese e Wes Craven, estudando a sua cinematografia e trabalho com câmaras.

Também sou daltónica, mas teria optado pela fotografia a preto e branco mesmo que não fosse.

Permite-me eliminar o ruído da cor e focar-me no contraste, nos tons médios e nos destaques que criam as formas e as ideias de uma imagem. Na fotografia de retrato, a força da sua personalidade transmite o caráter do motivo, transformando o normal em algo extraordinário. Espero que seja o que sentem com o retrato da Olivia.

É mãe de um recém-nascido chamado Kaito e perdeu o olho direito devido a um cancro chamado retinoblastoma quando tinha 14 anos.

A doença é normalmente diagnosticada em crianças com menos de 5 anos, tornando-a na pessoa mais velha de sempre a ser diagnosticada com esta doença rara.

A Olivia contou-me que o olho perdido é aquilo que mais gosta nela própria.

"Levou-me a fazer todas as coisas que alcancei nos últimos anos", disse ela.

"Colocou-me no estado mais feliz em que alguma vez estive."

Chamei a esta imagem "Futuro" pela personalidade da Olivia e pelo que pretende alcançar.

Ela falou de como quer inspirar e encorajar as pessoas incapacitadas a abraçar as diferenças e os desafios.

Para o efeito, quer modernizar a sociedade em que vivemos e criar um futuro que deixará a próxima geração orgulhosa.

Tal como a Olivia, também abraço a minha incapacidade, tornando-a uma parte instrumental do meu trabalho.

Assumi o nome Fotógrafa Cega, não apenas para inspirar, mas também para desafiar a sociedade a repensar a perceção que têm dos cegos em geral. Saberia que iria forçar as mentes da sociedade, pois não encaixa na norma, e que as perceções seriam desafiadas.

Quero mostrar e inspirar outras pessoas cegas que possam ter pensado em pegar numa câmara, mas tiveram medo de não lhes ser "permitido" perseguir a sua criatividade, por medo dos estereótipos e das perceções.

A cegueira é um espetro.

O estereótipo comum baseia-se numa pequena percentagem, que é muitas vezes questionada e criticada pelo que fazem pela sociedade.

As pessoas cegas são constantemente rotuladas.

Da mesma forma que a Olivia tirou partido da sua incapacidade, a minha natureza rebelde sempre rejeitou o enclausuramento resultante das perceções das outras pessoas.

Não posso negar que ser cega é difícil, mas encontro inspiração em todo o lado.

Não só de fotógrafos, mas também de atletas paralímpicos.

O que temos em comum é que usamos um pensamento diferente para mudar as regras e quebrar estereótipos velhos que se escondem na sociedade.